

Outono - Retrato sobre Natureza Morta¹

Camila Chixaro de SOUZA²
Júlia Smanioto Rigazzo MANGILE³
Kemily Gomes LESO⁴
Marcela CHIARA⁵
Stephani Carla BARBARÁ⁶
Ms. Santiago Naliato GARCIA⁷

Centro Universitário de Votuporanga – Unifev – SP

RESUMO

A fotografia tem a natureza-morta – a arte de fotografar objetos inanimados ou ainda objetos que não pertencem mais a seu ambiente natural – como uma das técnicas de extrema beleza e leveza em sua composição. Talvez seja um dos campos mais desafiadores da fotografia uma vez que o fotógrafo cria a imagem a partir da produção artística, passando pelos processos técnicos e finalizando com a ampliação da imagem. O presente trabalho começou nas aulas de fotografia durante o ano de 2013, quando todo o processo de fotografia foi estudado, partindo da escolha de equipamentos até a ampliação analógica em laboratório preto e branco. Com poucos recursos foi possível tomar imagens em preto e branco de natureza-morta, revivendo técnicas consideradas obsoletas, mas que produzem imagens ainda diferenciadas, levando a uma reflexão sobre fotografia em tempos de massificação digital.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia artística; natureza morta; arte; sistema analógico.

1 INTRODUÇÃO

Natureza-morta é a pintura, o desenho, a fotografia de seres inanimados, é uma obra que deixa de pertencer ao seu ambiente natural e que, em essência, é criada antes mesmo do seu registro. O fotógrafo possui total controle sobre todo o processo. Indo mais além, é a extinção da vida natural, que se torna criação da vida artificial por meio da morte da natureza. Talvez um dos mais desafiadores campos da fotografia e que se

¹Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade Fotografia Artística (Avulso).

² Estudante do 3º Semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo, email: camila_chixaro@hotmail.com.

³ Estudante do 3º Semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo, email: juliasmaniotto.rm@hotmail.com

⁴ Estudante do 3º Semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo, email: kemily_leso@hotmail.com

⁵ Estudante do 3º Semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo, email: marcella_chiara@hotmail.com

⁶ Estudante do 3º Semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo, email: stephanibarbara@hotmail.com.br

⁷ Orientador do trabalho, e-mail: santiagarcia@gmail.com

torna emocionante para fotógrafos mais criativos. Ao invés de capturar a cena, o fotógrafo tem sob seu domínio o potencial de criá-las. Ele tem que usar as configurações de iluminação, ângulos, equipamentos e sensibilidade estética para ser capaz de estabelecer uma ligação entre uma imagem representada e as pessoas que a observem.

A fotografia de natureza-morta é um gênero vibrante no final do século XIX, normalmente compostas a partir de referências das belas-artes e padrões inovadores de design. No início da sua utilização, esse estilo refletia os interesses e recursos materiais da classe média vitoriana, privilegiada economicamente, que esbanjava modernas tecnologias de estufas, produtos agrícolas importados do império britânico e a linguagem codificada das flores (HACKING, 2012). Em cunho estético, ela expunha a brevidade da vida de forma justamente oposta: eternizando a juventude das flores e o vigor das frutas quando retratadas.

A maioria dos temas da fotografia são inanimados. Isso significa que uma simples fruta, ou uma flor ou até mesmo uma caneca de café podem se tornar temas para fotógrafos desse estilo fotográfico. Um dos grandes nomes desse gênero foi Roger Fenton (1819-1869), que durante dez anos de atividade fotográfica registrou naturezas-mortas utilizando técnicas de iluminação que aprendera durante seu trabalho para o *British Museum*. Segundo Hacking (2012), Fenton se destacou por sua aplicação de perspectivas básicas, abstratas e naturalista.

A arte de tornar um simples objeto até então sem muitos atrativos estéticos em um outro objeto, um produto artístico, de excitação estética ao menos atraente pela sua própria visão é um grande desafio. Para realmente apreciar fotografias desse gênero, é necessário entender a visão artística por trás dela, o que torna, de certo modo, mais complexa a leitura e entendimento de algumas imagens. Não há nenhum conjunto de regras que podem ser seguidas na fotografia. Soma-se sugestões estabelecidas ao longo do desenvolvimento histórico dessa técnica de registro visual, mas nada enfático ou de convencimento suficiente para determinar o certo e o errado. Entretanto, utilizar trabalhos realizados outrora faz com que tenhamos parâmetros para poder desenvolver uma imagem aceitável dentro dos princípios aceitos pela nossa sociedade.

A qualidade da foto depende completamente da criatividade e da capacidade artística do fotógrafo. No entanto, há certas indicações que devem ser mantidas na

mente ao criar essas fotografias. Embora seja possível brincar com sombras, as condições de iluminação desempenham um papel fundamental na determinação da qualidade da fotografia e na composição atmosférica da mesma.

Em um ambiente externo, você deve fazer melhor utilização da luz natural disponível; trabalhando dentro de casa, a iluminação artificial é geralmente necessária. Luzes de halogêneo e lâmpadas fluorescentes são as fontes artificiais mais comuns. É necessário ajustar suas condições de iluminação, a fim de se adequar a imagem que tem em mente. Na fotografia de natureza-morta, é necessário que a imagem a ser revelada seja capturada de forma progressiva para que seja possível ajustar a relação claridade e contraste conforme necessário. Nem sempre as mesmas ideias funcionarão para cada fotografia. É necessário que haja versatilidade e as ideias devem evoluir a partir do entendimento do processo.

2 OBJETIVO

O objetivo principal é mostrar que mesmo no período das grandes inovações tecnológicas ainda é possível utilizar equipamentos, processos e técnicas analógicas e obter verdadeiras fotografias com alta qualidade estética. Já na aplicação desse tema, busca-se estimular uma reflexão sobre o meio ambiente atual e sua relação com as pessoas para que estas possam observar a transição de estação verão inverno. Com isso, espera-se rerepresentar essa transição do lado oposto, o da natureza, já que na maioria das vezes a pensamos como algo cheio de vida, que abriga a vida. O trabalho traz características da natureza-morta, sendo utilizados materiais secos.

3 JUSTIFICATIVA

A era da Imagem está cada vez mais presente, mais constante, mais visual e mais representada por imagens fotográficas. A imagem técnica cumpre sua função de emancipar a sociedade da necessidade de pensar conceitualmente, tendendo a eliminar os textos; estes que surgiram justamente afim de desmágiarem as imagens (FLUSSER, 1985). É com base nesse processo que o presente trabalho pretende provocar o questionamento sobre o texto visual, forçando a atuação visual/verbal escrito para

decompor a imagem do gênero proposto, somando tais forças que, evidentemente, não se excluem, se completam.

Devido ao grande avanço da tecnologia e ao alto consumo fotográfico, é necessário que os profissionais da área sejam criativos e inovadores. O gênero natureza-morta traz consigo inúmeros métodos de criação. Estes, no presente trabalho, não se destacam pela tecnologia aplicada, considerada obsoleta por alguns, mas sim na elaboração de complexo processo criativo baseado em uma discussão teórica que pretende remagiciar o texto relacionado ao presente gênero artístico. De forma superficial, prática, o presente trabalho não apenas trata do aspecto desse gênero, mas também da transição de estação, passagem de uma estação marcante para o cenário brasileiro, com recordes de secas, baixas em reservatórios de abastecimento de água e escassez de chuva: nosso verão para o outono. A fotografia faz ver que da própria natureza é possível extrair e utilizar em arte tudo aquilo que ela nos oferece, sendo ela própria protagonista e contadora das relações existentes entre natureza e sociedade. A expectativa da água engarrafada, a seca representada pelo grande número de elementos de similar significado, o tempo efêmero, embora multiplicado pela sensação de maior número de velas. É a concretização visual de:

As imagens fotográficas não se esgotam em si mesmas (...) são apenas o ponto de partida, a pista para tentarmos desvendar o passado. Elas nos mostram um fragmento selecionado da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram (estética e ideologicamente) congelados num dado momento de sua existência/ocorrência. (...) Seu potencial informativo poderá ser alcançado na medida em que esses fragmentos forem contextualizados na trama histórica em seus múltiplos desdobramentos (sociais, políticos, econômicos, religiosos, artísticos, culturais enfim) que circunscreveu no tempo e no espaço o ato da tomada do registro. Caso contrário essas imagens permanecerão estagnadas em seu silêncio: fragmentos desconectados da memória, meras ilustrações “artísticas” do passado. (KOSSOY, 2002, pp. 21-23)

Ao voltar a atenção aos detalhes da natureza, pode-se perceber que cada estação do ano traz mensagens e convites específicos. No entanto, muitas vezes não se enxerga esses sinais porque não é incomum o ser humano crer que não é parte integrante do meio ambiente. Confirma tal suposição, que é pontual, o descaso com a natureza e mesmo com o recolhimento do lixo individual, muitas vezes desleixado. Cada estação do ano convida a novas posturas e oferece uma série de aprendizados para a vida, sendo

o outono uma época especialmente recheada de significados que podem enriquecer as percepções humanas, tais como a queda das folhas, seu amarelamento e a preparação para a entrada do inverno, metaforicamente simbolizado pelos poetas como a preparação para a morte. Tal período chega logo após o verão, aquela estação de tempo quente, aberto, de plena luz e em que os movimentos cotidianos e sociais tendem para o mundo externo em seu ápice de vida. Não é à toa que para chegar àquela estação intermediária é preciso das "águas de março", uma chuvinha persistente que vai resfriando o tempo, pouco a pouco, e apresentando um convite para o final de todo um ciclo de estação e, simbolicamente, dos momentos na passagem do ser humano sobre a Terra. Representá-los é o desafio aqui proposto.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS

O caminho seguido foi revisão de material preexistente para seleção, adequação e envio ao Intercom. As técnicas utilizadas baseiam-se no básico fundamental da fotografia preto e branco, utilizando recursos e equipamentos que a instituição ainda oferece aos alunos. No que se refere ao processo de fotografia, como: o ato de fotografar, a medição da iluminação presente, a exposição perfeita a partir dos princípios básicos, o trabalho com o Sistema de Zona de Ansel Adams, que orienta sobre onde realizar a melhor captação dos tons, o entendimento sobre o que esperar dos filmes, os processos químicos de revelação e ampliação são todos descritos na bibliografia que dá o aporte técnico e teórico para o desenvolvimento prático das atividades que aqui foram executadas.

Basicamente foram utilizadas as técnicas descritas por Ansel Adams na trilogia A Câmara, O Negativo, A Cópia, e por Millard Schisler, em Revelação em Preto e Branco. Com base nesses autores, para a escolha da imagem, foi preciso fazer a Prova de Contato e a análise com lupa das imagens registradas, sistema consagrado por grandes fotógrafos e ainda utilizado por laboratórios analógicos.



Figura 1 - “Outono - Retrato sobre Natureza Morta”. Produto final.

O processamento básico de uma imagem fotográfica em preto e branco, do filme ou do papel fotográfico, se constitui de três etapas: a primeira é o revelador que acelera o escurecimento da imagem, ou seja, a prata é sensibilizada pela luz na exposição fotográfica e que é deixado neste líquido por cerca de um minuto; A segunda é o interruptor/estabilizador, que suspende o processo de escurecimento da prata e que é deixado por cerca de um minuto; A terceira é o fixador, que fixa definitivamente o escurecimento da prata sensibilizada no papel, e que é deixado neste por cerca de três minutos. Finalmente um banho em água corrente fará a limpeza da prata não sensibilizada e evitará que a imagem fique com manchas amareladas. Enfim, põem-se para secar, pendurado para que a água possa escoar.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Para a realização dessa produção foram utilizados elementos que fizessem referência ao período do ano retratado: castanha do Pará e nozes, uvas passas, objetos de vidro, jarro de cerâmica, folhas secas, flor em processo avançado de decomposição, velas, mesa. Cada item simboliza determinado aspecto do tempo e espaço em questão: a necessidade de prover alimentos para a passagem do frio, meios para acondicionar mantimentos e

água, as mudanças visuais das árvores e plantas, a geração alternativa de luz e uma superfície que reunisse condições mínimas para tais encontros.

O equipamento utilizado foi uma câmera de Médio Formato Hasselblad 500C, lente Carl-Zeiss de 80mm, com filme Acros de ISO100, fotômetro de mão, cabo disparador, um celular Iphone 4s para cronometrar o tempo de exposição e luz contínua suave fraca. Com o objetivo de captar uma atmosfera especial, optou-se por trabalhar com a luz de vela. Entretanto, ao fotometrar a cena, ou seja, ao fazer as medições adequadas para uma boa exposição do negativo com fins para se conseguir uma imagem “perfeita”, foi sugerido pelo professor explorar a representação da cena e não apenas a apreensão daquela luz pelo equipamento. Dessa forma, foi inserido uma lâmpada de tungstênio de 60W, com difusor, na mesma direção que a iluminação da vela, proporcionando, assim, uma cena mais iluminada, com elementos atmosféricos que captam a representação de uma situação e não apenas um registro técnico.

A partir dessas escolhas, foram realizadas novamente as medições e foi estabelecido o processo básico de oito segundos de exposição, com abertura da lente em F16. A técnica de Bracketing foi utilizada. Assim foram feitas três exposições no total, todas com oito segundos, mas alterando-se as aberturas, além de F16, para F11 e F22. Durante esse processo, repetido em três composições diferente totalizando nove cliques, os presentes autores foram se alternando nas funções de disparo, cronometro, regulagem de equipamento, focagem, iluminação, etc.

As técnicas utilizadas, bem como o entendimento dos equipamentos, foram estabelecidos na disciplina de Estética Fotográfica e Fotografia, ambas no ano de 2013. Em continuidade ao processo, foi realizado a revelação do negativo 120mm em laboratório da faculdade, um dos poucos laboratórios analógicos em atividade no Estado de São Paulo. Nesse processo foi realizado a revelação do negativo Acros nos passos: duas lavagens de dois minutos com água a 20°; revelação com D-76 por oito minutos, sendo 30 segundos de agitação inicial constante e depois 10 segundos de agitação a cada minuto até o tempo total; três lavagens com água a 20° por três minutos cada; colocação de Fixador Kodak a partir da realização do “teste da língua”, na qual um pequeno pedaço do negativo é colocado no fixador: após seu clareamento o tempo foi multiplicado por 2x, totalizando 20 minutos de fixação, tempo maior do que o indicado pelo fabricante, mas que responde à antigas fórmulas de laboratoristas práticos. Tal

processo fora tratado de forma didática nas aulas e escolhido para a metodologia desse trabalho. Depois o negativo foi posto por 30 minutos em água corrente para remoção das químicas endurecedoras e lavado por dois minutos em água com Photo Flow, para evitar marcas de água na secagem.

Após a fotografiação e a revelação do negativo foi realizado o processo da “folha de contato”. Esse processo é descrito em diversos livros e tem uma função peculiar, com consequências assustadoras para alguns:

Muitos fotógrafos também mencionam o receio que sentem ao ver seus contatos pela primeira vez, quando a intenção do que buscavam captar é confrontada com a realidade de que se encontra na folha. (...) Elliott Erwitt descreve essa hesitação: Em geral é bastante deprimente olhar para meus contatos – há sempre uma grande expectativa, que muitas vezes não é satisfeita. (LUBBEN, 2012, pág. 10).

Ainda segundo a autora, esse processo fora vivido e observado também por Cartier-Bresson: “uma folha de contato está repleta de rasuras, cheia de detritos. Uma exposição de fotografias (...) são convites para uma refeição e não é de praxe fazer os convidados meterem o nariz nas panelas e muito menos nas latas com cascas” (LUBBEN, 2012, pág. 13). E foi com base nesse processo que os negativos foram colocados sobre uma folha 30x40cm de papel Ilford Fibra Brilho e esticados com uma placa de vidro sobre os negativos e o papel. Então foi dado seis segundos de luz do ampliador Meopta 4 sobre toda aquela superfície.

Após expor o papel com os negativos sob a luz do ampliador, a folha de contato foi revelada em uma bacia 40x50 com química Kodak Dektol por cerca de um minutos, interrompido com solução ácida por 40 segundos e colocada no fixador por três minutos. Depois, lavagem da folha por 40 minutos em água corrente em bacia de mesmas dimensões. Posteriormente à lavagem e à secagem do papel fotográfico, a folha de contato foi analisada por todas as integrantes da presente proposta. Foi então que fora vivenciado por todos os presentes propositores aquilo que Bresson havia sugestivamente dito: colocar o nariz nas panelas, ou seja, realizaram o processo da metáfora do fotógrafo que consiste em visualizar, com uma lupa, o resultado de todo o processo acima descrito.

Mas há um toque de novas tecnologias no processo. Embora toda a técnica do analógico descrito fôra vivenciado e estudado nas disciplinas anteriormente estudadas no ano de 2013, o escaneamento direto do negativo para envio foi realizado no início do mês de abril de 2014, utilizando um scanner V700 da Epson, com tecnologia de duplo LCD, e máscaras específicas para a realização adequada do processo. A escolha desse último procedimento baseia-se na logística instituída pelo próprio Intercom, de envio dos produtos de forma digitalizada. Desta forma, o escaneamento do negativo mostra-se mais vantajoso do que o do papel fotográfico ampliado.

6 CONSIDERAÇÕES

Os ensinamentos das técnicas e conceitos foram feitos através da prática como um rico e diversificado processo. A fotografia analógica se torna cada vez menos representada e praticada, mas ainda permite alcançar o objetivo proposto: resultar em uma obra na qual ainda é possível fazer trabalhos diferenciados e ter resultados surpreendentes, criando algo além do convencional, que transmite uma mensagem por meio dos seus detalhes nas mais diversas maneiras em que pode ser interpretada.

A relevância desse trabalho consiste em proporcionar uma experiência metodológica completa, desde o planejamento da atividade até o produto final, passando pelas etapas, técnicas e conceitos de fotografia. Vivenciar a prática de um processo a partir do cotidiano das atividades em sala de aula e estimulados pelo ambiente acadêmico, como o proposto pelo Expocom, traz aprendizagens no exercício da imaginação, reforça a necessidade de trabalho em grupo e ensina a lidar com os eventuais conflitos que podem aparecer entre opiniões divergentes que, se debatidas e argumentadas, produzem um resultado que pode surpreender, levando a produção técnica e artística a patamares que não se era, de início, esperado.

O que se conclui dessa experiência é que há espaço para as duas formas de registro fotográfico: o analógico e o digital. Cada qual com suas qualidades e dificuldades. Entretanto, o processo analógico proporcionou o entendimento do processo químico e físico, tornando mais interessante e gratificante a experiência, passo-a-passo, daquilo que fôra imaginado pelos presentes autores e seu resultado final. O ato de imaginar junto com a câmera e entender seu mecanismo, como a velocidade do



obturador, a luminosidade, abertura da íris - mais do que vivenciar o imediatismo do digital – ensina a ter prazer em cada etapa. O fator surpresa na hora da revelação, no qual é possível ver o trabalho surgindo, se revelando diante dos nossos olhos, é um diferencial que torna todo o trabalho ainda mais emocionante e interativo.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, A. **A Câmera**. Nova Iorque: Time Warner Book, 2005.

_____, **A Cópia**. Nova Iorque: Time Warner Book, 2005.

_____, **O Negativo**. Nova Iorque: Time Warner Book, 2005.

FLUSSER, V. **Filosofia da Caixa Preta**. São Paulo: Editora Hucitec, 1985.

FREEMAN, M. **Exposição Perfeita**. Porto Alegre, Bookman, 2012.

HACKING, J. **Tudo sobre Fotografia**. Rio de Janeiro, Sextante, 2012.

KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

LUBBEN, K. **Magnum Contatos**. São Paulo, IMS, 2012.

SCHISLER, W. L. **Revelação em Preto-e-Branco**. A imagem com Qualidade. São Paulo: Editora Senac, 1995.